

Fatores de Risco e de Proteção no Uso do Facebook por Adolescentes: Uma Revisão Narrativa

Naiana Dapieve Patias¹

Emanuela Novaes Scorteganha²

Camila Rosa de Oliveira³

Resumo

O presente estudo teve como objetivo investigar os fatores de risco e de proteção no uso do Facebook por adolescentes. Para tanto, foi realizado um estudo teórico a partir de uma revisão narrativa da literatura científica nacional e internacional que analisou artigos completos revisados por pares, dissertações e teses publicados entre os anos de 2006 a 2016. A análise dos artigos, das dissertações e das teses teve como foco duas categorias definidas à priori a partir da literatura a fim de responder aos objetivos propostos: (a) Fatores de risco no uso do Facebook e (b) Fatores de proteção no uso do Facebook. No geral, os resultados indicaram a multiplicidade de formas de uso do Facebook por adolescentes, sendo considerada tanto como risco quanto como proteção. O Facebook parece facilitar processos desenvolvimentais de risco, como o uso de substâncias, exposição do privado e práticas de violência. Por outro lado, pode ser um facilitador nos processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo e emocional. Os adultos devem supervisionar o uso da rede virtual pelos adolescentes para que esta possa ser utilizada de forma a minimizar os riscos.

Palavras-chave: adolescente; facebook; risco; proteção.

Risk and Protective Factors on Facebook Use by Adolescents: A Narrative Review

Abstract

This study aimed to investigate the risk and protective factors in the use of Facebook among adolescents. A theoretical study was conducted from a narrative review of national and international scientific literature of peer-reviewed full articles, dissertations and theses, published between 2006 and 2016. The analysis of the articles, dissertations and theses focused on two categories defined a priori from the literature in order to respond to the proposed objectives: (a) Risk factors in the use of Facebook and (b) Protection factors in the use of Facebook. Results indicated the multiplicity of forms of Facebook use by adolescents, considered both as a risk and as protection. Facebook seems to facilitate risky developmental processes such as substance use, private exposure and violence practices. On the other

¹ Doutora em Psicologia (UFRGS), Docente dos cursos de graduação e mestrado em Psicologia da IMED, Faculdade Meridional, Passo Fundo-RS.

² Graduação em Psicologia (IMED), Faculdade Meridional, Passo Fundo-RS.

³ Doutora e Pós-Doutoranda em Gerontologia Biomédica (PUCRS), Docente dos cursos de graduação e mestrado em Psicologia da IMED, Faculdade Meridional, Passo Fundo-RS.

hand, can be a facilitator in the learning process and cognitive and emotional development. Adults should supervise adolescents' use of the virtual network so that it can be used in a way that minimizes risks.

Keywords: *adolescent; facebook; risk; protection.*

Introdução

A adolescência é considerada um momento de várias mudanças biopsicossociais podendo coincidir com a puberdade (World Health Organization [WHO], 2016). Nesse período há, dentre outras tarefas desenvolvimentais, a busca pela autonomia e identidade por meio da interação entre pares e um distanciamento dos pais (Barreto & Rabelo, 2015). Erikson, em 1950, definiu a autonomia como sendo uma impressão de separação, independência emocional e um esforço para ganhar liberdade dos pais (Celen, Cok, Bosma, Harke, & Djurre, 2006). Já no que diz respeito à identidade, em 1972, Erikson a conceituou como sendo a busca de quem a pessoa é, quais seus valores e quais as direções a seguir na vida (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silvares, 2003). Essa identidade estaria em constantes mudanças, as quais dependem das experiências e informações adquiridas nas interações diárias do adolescente com os outros (Senna & Dessen, 2012), por exemplo, os seus grupos de amigos (Vaquera & Kao, 2008).

O grupo de amigos ou de pares, além de verificados na realidade, de forma concreta, pode ser encontrado nas redes sociais, que são serviços baseados na *web* que permitem a criação de um perfil público ou semipúblico. A rede virtual possibilita ter uma lista de usuários com quem se possa compartilhar afinidades, visualizar os seus contatos e de terceiros, assim como conhecer outras pessoas (Boyd & Ellison, 2007). Dentre as várias redes sociais atualmente existentes, o *Facebook* parece ser a mais utilizada pelos adolescentes. +.

O *Facebook* foi fundado em fevereiro de 2004 com o intuito de permitir que as pessoas pudessem compartilhar o que desejassem, além de interagir com amigos e familiares (Aragão, Oliveira, & Lordelo, 2013). Desenvolvido por Mark Zuckerberg, foi criado no contexto universitário de Harvard e expandiu-se exponencialmente até aos dias de hoje (Assunção & Matos, 2014). Atualmente é a rede social mais acessada no Brasil tendo um número massivo de usuários registrados (Aragão et al., 2013; Patrício & Gonçalves, 2010; Santeiro, Guimarães, Rocha, & Bravin). Na adolescência, pela necessidade de busca de autonomia e construção da identidade (Bock, 2007), a rede virtual possibilita, de certa forma, identificações e fantasias. Dessa maneira, o adolescente estará mais suscetível à influência da *internet* no seu cotidiano (Assunção & Matos, 2014).

O acesso à rede pode trazer tanto benefícios quanto riscos ao adolescente. Fatores de risco são aqueles que afetam a capacidade do indivíduo de superar os eventos adversos da vida (Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004), e que podem aumentar a sua probabilidade de adquirir determinada doença quando exposto ao fator. Alguns exemplos de situações de risco seriam: contrariedades na família, perda prematura de um ente querido, agressões, falta de intimidade e intolerância. Sapienza e Pedromônico (2005) também referem que disfunções familiares podem servir como risco para o desenvolvimento humano, além de problemas sociais, como desemprego, pobreza e dificuldades de

acesso à saúde e educação. Somando-se a isso, aspectos biológicos podem ser considerados, tais como: nascimento prematuro, lesões no cérebro e atraso no desenvolvimento. Para os mesmos autores, a própria adolescência pode ser um fator de risco, pois é nesse período que o indivíduo experimenta situações não familiarizadas.

Já a definição dos fatores de proteção refere-se aos recursos pessoais ou sociais que poderão diminuir os impactos causados pela exposição a fontes de risco (Sapienza & Pedromônico, 2005). Exemplos desses fatores abrangem uma relação harmoniosa com a família, confiança nos relacionamentos, experiências de realização escolar e resiliência (Rutter, 1987). Pesce et al. (2004) realizaram um estudo que pretendia analisar a relação da resiliência com as condições de risco e de proteção de adolescentes entre 12 e 19 anos. A pesquisa ocorreu por meio de entrevistas com 997 alunos estudantes de 7ª a 8ª séries do ensino fundamental e 1ª a 2ª séries do ensino médio, de escolas públicas do município de São Gonçalo – RJ. Os resultados indicaram muitos elementos protetores relacionados a variáveis individuais, familiares e ambientais do adolescente. Dentre os fatores individuais, encontraram-se a alta autoestima, a capacidade de autocontrole, a autonomia e um temperamento afetuoso e flexível. No campo familiar, os aspectos protetores são a coesão, estabilidade, respeito mútuo e suporte. No que diz respeito ao ambiente externo à família, foi evidenciado o bom relacionamento com amigos, professores ou pessoas que sejam referência e que façam o sujeito se sentir amado.

No contexto brasileiro, há um aumento de pesquisas relacionadas ao uso do Facebook, principalmente nos últimos anos. É possível perceber este aspecto quando se faz uma busca em bases de dados brasileiras. Por exemplo, quando se utiliza o termo “Facebook” na base de dados SciELO (www.scielo.br), são encontrados 71 artigos. No entanto, o uso do Facebook por adolescentes indica uma diminuição na produção quando, por exemplo, na busca com o termo “Facebook” e “adolescência” na mesma base de dados, apenas dois artigos estão disponíveis. Na base de dados PEPsic (www.pepsic.bvsalud.org), com o termo “Facebook” são encontrados 12 artigos. Com os termos “Facebook” e “adolescência”, apenas dois artigos resultam da busca. Por fim, na base de dados LILACS (www.lilacs.bvsalud.org), com o primeiro termo isolado, 58 artigos são encontrados. Com a adição do termo “adolescência”, este número cai para sete artigos. Adicionando os termos “risco” ou “proteção” em todas as bases acima citadas, nenhum artigo é encontrado, exceto na base LILACS que um artigo é encontrado. Desta forma, nas bases indicadas e com os termos descritos, pesquisas sobre o uso do Facebook como fator de risco e proteção em adolescentes ainda são incipientes em contexto nacional. Aliado a isso, considera-se fundamental que haja pesquisas sobre o *Facebook* e adolescentes para que possa haver um maior entendimento do uso da rede a fim de propor estratégias de intervenção e auxiliá-los na prevenção dos riscos associados a ele. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar fatores de risco e proteção à utilização do *Facebook* por adolescentes por meio de uma revisão narrativa da literatura nacional e internacional dos últimos 10 anos.

Método

Foi realizada revisão narrativa da literatura nacional e internacional sobre fatores de risco e proteção no uso de *facebook* por adolescentes. A revisão narrativa ou assistemática é um método também chamado de “estado da arte”, que objetiva descrever ou discutir determinado tema sobre uma visão teórica ou contextual a partir da leitura de livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses. Neste tipo de revisão, não há necessidade de informar os passos realizados, como o método para a busca, nem critérios de avaliação e seleção de trabalhos. Desta forma, consiste na busca de referências e uma análise pessoal e crítica pelo autor (Rother, 2007). A partir disso, foram escolhidos artigos completos, dissertações e teses que foram analisados através da leitura dos mesmos com foco em categorias prévias a fim de responder ao objetivo proposto, a saber: (a) *Fatores de risco no uso do facebook* e (b) *Fatores de proteção no uso do facebook*.

Resultados e discussão

A primeira categoria, *Fatores de risco no uso do facebook* abordará a descrição de estudos empíricos relacionados ao aumento na probabilidade de desfechos negativos ao desenvolvimento do adolescente que estão associados ao uso da ferramenta virtual. Por sua vez, a segunda categoria *Fatores de proteção no uso do facebook*, descreverá estudos que relacionam seu uso com um aumento de desfechos positivos ao desenvolvimento ou que diminuem o impacto dos fatores de risco. Ressalta-se que alguns estudos mencionaram ambos os fatores. Portanto, alguns serão descritos em ambas as categorias.

Fatores de risco no uso do Facebook

Referente à categoria dos riscos no uso do Facebook, os estudos, no geral, ressaltam o uso da ferramenta como um mediador ou facilitador de processos que são percebidos na realidade, mas que com o uso da rede, parecem ser facilitados. Como exemplo, os estudos indicam o Facebook associado ao uso de substâncias, à exposição de aspectos relacionados à privacidade (exposição), aumento do estresse e práticas associadas à violência (Baumgartner, Sumter, Peter, & Valkenburg, 2015; Bento, 2016; Doornwaard, Moreno, van den Eijnden, Vanwesenbeeck, & Bogt, 2014; Moreno et al., 2014; Souza & Leão, 2016; Van Gool, Van Ouytsel, Ponnet, & Walrave, 2015; Wegge, Vandebosch, Eggermont, & Walrave, 2014).

Um estudo realizado por Moreno et al. (2014) comparou a quantidade de postagens no Facebook referentes ao uso de álcool, antes e após o ingresso na faculdade, em 338 estudantes com idades entre 17 e 19 anos. Em relação ao primeiro ano de estudos no ensino superior, os resultados demonstraram aumento significativo do número de postagens em relação ao álcool entre esses jovens, sendo esse aumento também associado positivamente ao número de amigos e festas realizadas no mesmo ano.

Dentre outros fatores, pertencer a um grupo de amigos que já faz uso de álcool parece exercer influência no ato de o adolescente também iniciar o consumo de álcool (Schenker, & Minayo, 2005). O consumo de álcool pode aumentar as chances de o jovem se envolver em situações de violência sexual como também ter relações sexuais sem a devida proteção, aumentando o risco de transmissão de

doenças (Pechansky, Szobot, & Scivoletto, 2004). Também o uso em demasia dessa substância acarreta problemas acadêmicos, como dificuldades em memorizar as informações. Em vista da necessidade de pertencimento a um grupo, característica marcante do desenvolvimento adolescente (Bock, 2007), a exposição *online* ao consumo de álcool entre os seus pares pode motivar esse adolescente a experimentar essa substância e compartilhar essas experiências via redes sociais, nesse caso o Facebook, para ser validado (Romera, 2014).

Estudo português, realizado por Bento (2016), buscou investigar se havia associação entre o uso do Facebook, a vergonha, a depressão, a ansiedade, e o estresse em 109 adolescentes de 16 a 20 anos. Para avaliar a associação, a autora utilizou um questionário sociodemográfico, um questionário sobre o uso do Facebook, a Escala de Ansiedade, Depressão e Stresse (EADS) e a Escala de Vergonha Externa para Adolescentes (OASB-A). Apenas o estresse esteve associado ao uso do Facebook, tendo os adolescentes que o utilizam, maiores níveis quando comparados aos adolescentes que não fazem seu uso. Além disso, os níveis de estresse foram maiores em meninas do que em meninos.

Relacionado à sexualidade, o estudo realizado por Doornwaard et al. (2014) visou investigar como e em qual extensão os adolescentes exibem sua sexualidade e relacionamentos amorosos no Facebook. Participaram 104 adolescentes holandeses, com idades entre 11 e 18 anos. Os resultados mostraram que quanto à divulgação de conteúdo sexual (revelar fotos pessoais, descrever de forma detalhada intimidades de seu comportamento sexual), dos 104 perfis analisados, 67 continham referências sexuais, mas sem que suas fotos reais tivessem sido reveladas, isto é, faziam referências relativas a comportamentos sexuais, sem mostrar fotos pessoais. Essas referências sexuais eram geralmente criadas por outros no perfil dos participantes, ou seja, amigos postavam frases com conteúdo sexual. Meninos foram, nesta pesquisa, mais suscetíveis a divulgar referências sexuais do que as meninas. O mesmo estudo ainda indicou que quanto maior o número de amigos que aprovavam as postagens na rede, maior a quantidade de referências sexuais, como imagens explícitas, fotos mais íntimas ou comentários com conteúdo sexual. No que diz respeito às referências de romantismo (sentimentos, experiências amorosas, namoro e afins), dos perfis analisados, 27 continham um total de 204 referências românticas, sendo a maioria destes postada pelo próprio adolescente, seja em fotos, imagens e textos. Nesse quesito, tanto meninos quanto meninas não apresentaram diferenças nas suas postagens com conteúdo romântico.

Outro estudo, ainda com a temática sexualidade, foi realizado por Baumgartner et al. (2015) e teve como objetivos: (1) investigar o papel dos amigos nas redes sociais referente à autoexposição sexual dos adolescentes e (2) como os adolescentes que se exibem sexualmente nas redes sociais são avaliados por outros adolescentes. Participaram 238 adolescentes, de 12 a 18 anos, estudantes de uma escola urbana na Alemanha (47% do sexo feminino). Os autores referiram que os adolescentes que pensavam que seus amigos também o fariam, tinham maior inclinação a postar fotos em que estavam em roupas de banho, poses sensuais ou fotos mais eróticas. Os estudiosos ainda ressaltaram que os adolescentes que necessitam de popularidade estão mais propícios a exibirem fotos mais sensuais. Quanto à avaliação feita dos perfis citados anteriormente, as meninas que visualizaram perfis de outras meninas em poses sensuais depreciaram-nas. De outro lado, esse mesmo perfil feminino

fora elogiado pelos meninos. Já os perfis que mostravam um menino atraente, aos olhares dessas jovens, fora avaliado de forma bem positiva. Em contrapartida, esse mesmo perfil masculino, não obteve qualquer reação de julgamento vinda dos meninos estudados. Por fim, os resultados indicaram que os adolescentes tendem a se mostrar de forma erótica para poder ganhar popularidade entre seus amigos (Baumgartner et al., 2015).

Ainda sobre a exposição no Facebook, Van Gool et al. (2015) tiveram o objetivo de examinar se o compartilhamento de informações pessoais sobre os relacionamentos dos adolescentes segue um caminho racional ou se trata de uma decisão mais impulsiva. Para isso, participaram 1314 estudantes de 11 escolas de ensino secundário da Bélgica, para analisar como ocorre a exposição de informações pessoais dos adolescentes sobre seus relacionamentos. Os resultados demonstraram que um em cada três adolescentes raramente divulgou informações pessoais sobre seus relacionamentos, em torno de 11,1% dos entrevistados afirmaram que por algumas vezes revelavam relacionamentos e 4,1% disseram que falavam de relacionamentos de forma mais regular. Os autores levantam a hipótese que a autoexposição de adultos pode também influenciar na autoexposição dos adolescentes no Facebook.

A exposição da sexualidade e de relacionamentos em redes sociais por adolescentes é um fenômeno também observado fora do ambiente virtual. Esse comportamento pode ocorrer tanto em virtude da necessidade dos adolescentes de demonstrarem autonomia quanto pela autoafirmação validada pelos seus pares (Freitas & Dias, 2010). A adolescência é o período em que o jovem faz descobertas importantes e busca a confirmação de sua personalidade e individualidade. É também nesse período que a procura por pertencimento e identificação grupal se torna visível (Cavalcante, Alves, & Barroso 2009). Já o compartilhamento de informações no *Facebook* pelos adolescentes facilita a interação com uma grande quantidade de pessoas, auxiliando aqueles adolescentes que são mais introvertidos e que procuram a *internet* para expressar suas ideias, não havendo a necessidade de lidar pessoalmente com as reações das pessoas com quem interagem (Assunção & Matos, 2014).

Com o objetivo de examinar como as conexões entre adolescentes em redes sociais estão relacionadas com o risco de se envolverem em *cyberharassment* (assédio virtual) e *cyberbullying* (violência virtual), Wegge et al. (2014), pesquisaram 1458 adolescentes, de 13 e 14 anos, estudantes de 11 escolas da Antuérpia, Bélgica. Os autores verificaram que em relação aos comportamentos agressivos vindos de colegas, o número de vítimas e agressores variou entre as diferentes formas de assédio e intimidação. Quanto ao assédio e violência virtual, 5,3% dos estudantes relataram já ter recebido mensagens rudes dos colegas, enquanto que 4,2% já tiveram experiência de ter recebido comentários maliciosos em suas postagens. Outras formas de assédio cibernético, como ser removido dos amigos e ser provocado a mencionar postagens em seu mural, foram menos comuns. O estudo também demonstrou que quanto maior o número de contatos, com quem não se tenha um laço forte de amizade, maior a chance de o adolescente se ver envolvido em agressão/assédio virtual. Sobre o assédio realizado através da rede, um estudo realizado com adolescentes do Brasil por Souza e Leão (2016) indicou que o Facebook pode ser uma rede que serve como uma via de expressão de questões escolares como a humorização de situações escolares, críticas e elogios aos professores e a prática de *bullying* (*cyberbullying*).

Fatores de proteção no uso do Facebook

Nesta categoria, os conteúdos relacionados aos fatores de proteção constituem-se no uso do Facebook como uma ferramenta que facilita a socialização e mantém laços de amizade; os quais podem mediar situações de aprendizagem. Além disso, o uso apresenta-se associado às características relacionadas ao bem-estar dos adolescentes.

Alguns estudos têm indicado o Facebook como uma ferramenta que facilita as relações sociais no geral e também as de amizade. Exemplos disso são as pesquisas realizadas por Assunção e Matos (2014), Amante, Marques, Cristovão, Oliveira, e Mendes, 2014 e Souza e Leão (2016). No primeiro estudo, realizado em Portugal por Assunção e Matos (2014), os autores tinham como objetivo compreender como os adolescentes utilizam o Facebook de forma a compreender as relações entre público e privado, riscos e benefícios e conceito de amizade. Participaram do estudo 20 adolescentes de 15 a 18 anos. No geral, os adolescentes indicaram que o Facebook é uma ótima ferramenta, principalmente para saber sobre a vida dos outros jovens, para conversar e saber novidades. Os adolescentes ainda referem que esta rede social facilita o contato com familiares e amigos que estão fisicamente distantes.

Ainda em contexto Português, uma pesquisa teve como objetivo investigar como os adolescentes exprimem suas identidades no Facebook através da análise da página de um grupo de 11 adolescentes de 12 a 18 anos. Os resultados do estudo indicaram que os adolescentes investigados expressam, na rede social, o seu quotidiano compartilhando com amigos e familiares, principalmente, temas relacionados aos sentimentos pelos amigos, os gostos pessoais relacionados a músicas, livros e ídolos, além de relações amorosas que, para os autores, reforça laços sociais e afetivos (Amante et al., 2014).

Em contexto nacional, estudo realizado por Souza e Leão (2016) teve como objetivo investigar as relações entre os jovens e a midiática da cultura. Os autores referem que o Facebook é o site preferido pelos entrevistados no qual há uma diversificação de experiências, utilizado para socialização e aprendizagem escolar. Os jovens estudados referem utilizar a rede para conversar com outros jovens, namorar, compartilhar fotos, criar eventos festivos, além disso, como um espaço de trocas de conteúdos escolares.

Os conteúdos escolares, a aprendizagem e as habilidades relacionadas a mesma podem ser mediadas pelo uso da ferramenta virtual. Em estudo realizado por Alloway, Horton, Alloway e Dawson (2013), com 104 estudantes de uma escola pública no Reino Unido, com idades entre 15 e 17 anos, que possuíam conta no Facebook, o objetivo foi verificar se a utilização dessa rede social, de alguma forma, interferia nas habilidades cognitivas dos adolescentes. Com a investigação, os autores concluíram que os estudantes que utilizavam o Facebook por mais de um ano apresentaram resultados altos em memória de trabalho, habilidade verbal e gramática, comparado com aqueles que utilizam essa rede social por menos de um ano. A explicação dada pelos autores para os escores altos em memória de trabalho seria que, de alguma forma, há uma semelhança entre os processos cognitivos envolvidos no uso do Facebook com a execução de tarefas de memória de trabalho. Quando o adolescente está acessando o Facebook, ele recebe uma infinidade de informações, então necessita absorvê-las, processá-las e manipulá-las e observar se lhe interessa, e depois executar uma ação com base nessa avaliação. As pontuações maiores em ortografia nesses adolescentes que fazem uso do

Facebook por mais de um ano pode ser explicada, segundo os autores, em função do efeito "treinamento", pois quanto mais eles utilizam a rede social para se comunicarem mais as habilidades gramaticais são estimuladas. Além das habilidades cognitivas, o mesmo estudo (Alloway et al., 2013) sugere que com o uso prolongado do Facebook (mais de um ano) houve aumento da conexão social, associada à capacidade de interação afetiva com as outras pessoas, visto que a interação desses adolescentes é voltada para as pessoas as quais possuem mais afeto.

Sobre o uso do Facebook como uma ferramenta de aprendizagem, Aragão (2016) em sua tese de doutorado, investigou a contribuição da rede para intervenções em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. O estudo teve como objetivo verificar os efeitos do Facebook no aprendizado em saúde sexual e reprodutiva de 96 adolescentes de 15 a 17 anos de duas escolas (uma pública e uma privada) de Fortaleza - CE. A autora avaliou o conhecimento, a prática e atitude quanto ao uso do contraceptivo masculino antes e após a intervenção educativa via Facebook. Foi realizada intervenção educativa via Facebook através de postagens de vídeos educativos, fórum de discussões, indicações de site, cine pipoca, enquetes e atividades para os adolescentes. Além disso, houve encontros presenciais nas escolas. No geral, o estudo indicou o Facebook como uma ferramenta importante que facilitou a intervenção educativa. Os resultados das análises estatísticas indicaram aumento no conhecimento, atitude e prática do uso do contraceptivo masculino nas relações sexuais.

Outros estudos associam o uso do Facebook com aspectos positivos do desenvolvimento, como bem-estar subjetivo. Por exemplo, em estudo realizado em Portugal o mesmo buscou investigar as relações entre o uso do Facebook, autoestima e felicidade em 245 adolescentes de 13 a 16 anos. Neste estudo, o uso da rede social esteve associado ao bem-estar subjetivo dos adolescentes. A autora ainda refere que adolescentes mais velhos e com maiores níveis de bem estar subjetivo possuem menor impacto relacionado ao uso Facebook em suas vidas. Por outro lado, quanto maiores os níveis na autoestima e maior o tempo gasto com a rede, maior o impacto negativo no bem estar subjetivo dos adolescentes (Silva, 2016).

Ainda em contexto português, Fernandes (2016) investigou a expressão emocional de 82 adolescentes de idades compreendidas entre 12 e 16 anos, no Facebook. Além disso, avaliou a evolução da comunicação ao longo de três anos (entre 2011 e 2013) e se havia diferenças na expressão da emoção entre meninos e meninas. A análise das publicações indicou o predomínio de expressões emocionais positivas. As meninas tenderam a se expressar mais na rede, através da escrita e a usar mais palavras em suas expressões emocionais do que os meninos. No entanto, a quantidade de emoções expressadas não demonstrou diferença entre os gêneros. No que diz respeito às diferenças nas publicações ao longo dos três anos, observou-se redução das expressões emocionais positivas e negativas. Segundo a autora, o Facebook possibilita a expressão de emoções na adolescência, o que pode favorecer o bem-estar além de possibilitar a construção da identidade e o reforço nas relações sociais.

Outro estudo, também realizado em Portugal, com o objetivo de investigar a associação entre sentimentos positivos e negativos associados ao uso do Facebook em 109 adolescentes de 16 a 20 anos, indicou que, para além da associação do uso do Facebook com o estresse, há, por parte dos

adolescentes investigados, sentimentos de alegria e otimismo. A autora ressalta que esta rede virtual é uma ferramenta que facilita a conexão entre pessoas (Bento, 2016).

Considerações finais

O estudo teve como objetivo, investigar os fatores de risco e proteção associados ao uso do Facebook, por adolescentes, a partir de um estado da arte sobre o tema. Para tanto, foram utilizados artigos completos publicados nos últimos 10 anos, em periódicos nacionais e internacionais. Os estudos analisados indicaram tanto riscos como benefícios ou fatores de proteção no uso do Facebook. Muitos dos riscos que esses jovens estão suscetíveis estão relacionadas as formas de uso (quantidade de tempo disponível online) e aos amigos, colegas e pessoas que eles podem encontrar *online*. No que diz respeito aos fatores de risco, os estudos descritos referem a associação entre uso da rede virtual e risco de exposição ao comportamento sexual, uso de álcool e violência (*cyberbullying*). Em relação aos fatores protetivos, o uso desta rede parece propiciar o encontro social dos adolescentes, além de servir como uma ferramenta aliada na aprendizagem e no desenvolvimento de habilidades educativas e cognitivas. Além disso, a ferramenta pode trazer bem estar aos adolescentes.

Os estudos descritos nos resultados indicam, em sua maioria, a complexidade relacionada ao uso do Facebook que pode, conjuntamente, servir tanto como risco como proteção. De fato, não há como realizar associação direta entre o uso do Facebook e desfechos desenvolvimentais, mas o mesmo parece servir como um mediador ou facilitador nestes processos já que ocupa grande espaço na vida das pessoas e, principalmente, na vida dos adolescentes. Desta forma, não se deve analisá-los do ponto de vista estático, ou seja, na presença deles haverá, conseqüentemente, um desfecho negativo, mas sim, como um processo. Este aspecto está relacionado ao próprio conceito de risco e proteção no desenvolvimento humano. Assim, tratar dos fatores de risco e proteção significa abordá-los como um processo, ou seja, considerar que há fatores que interagem entre si, possibilitando uma série de combinações possíveis e, conseqüentemente, resultados diversos em termos desenvolvimentais (Poletto & Koller, 2008). Desta forma, é imprescindível que pais e educadores conversem abertamente com adolescentes sobre riscos presentes no uso de ferramentas como o Facebook incentivando seu uso de forma adequada e demonstrando os riscos presentes. A monitoria parental através de uma conversa franca com os adolescentes é essencial.

Este estudo possui limitações que se referem ao fato de que utilizou metodologia que não pode ser replicada, pois não foi sistematizada. No entanto, este método contribui para a união de referências importantes sobre um tema específico. Além disso, por não ter sistematização, alguns estudos importantes podem não ter sido considerados. Para estudos futuros, sugere-se a revisão sistemática, além da pesquisa de campo sobre as percepções acerca do uso do Facebook com o intuito de compreender, com maior profundidade, os riscos e os aspectos saudáveis do uso desta ferramenta na adolescência. Além disso, o uso do Facebook em outras faixas etárias, observando-se fatores de risco e de proteção, também pode ser investigado.

Referências

- Alloway, T. P., Horton, J., Alloway, R. G., & Dawson, C. (2013). Social networking sites and cognitive abilities: Do they make you smarter? *Computers & Education*, 63, 10-16.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação. *Interações - Cultura e Comunidade*, 13, 301-326.
- Amante, L. (2014). Facebook e novas sociabilidades: Contributos da investigação. In C. Porto, & Santos, E (Orgs.), *Facebook e educação: Publicar, curtir, compartilhar* (pp. 27-46). Paraíba, EDUEPB.
- Amante, L., Marques, H., Cristovão, M., Oliveira, P., & Mendes, S. (2014). Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do facebook. *Educação, Formação e Tecnologias*, 7(2), 26-38.
- Amaral, R. (2015). Exposição da vida privada em redes sociais: Motivações e consequências. *Colloquium Humanarum*, 12, 475-483. doi: 10.5747/ch.2015.v12.nesp.000651
- Aragão, J. F., Oliveira, M., & Lordelo, T. (2013). Redes sociais como ferramentas de divulgação da informação das empresas de assessoria de imprensa em Santa Cruz do Capibaribe – PE, *Revista Temática*, 9(6), 1-11.
- Aragão, J. M. N. (2016). *Mídia social facebook como tecnologia de educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará), Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21807>
- Araujo, K. C. V. (2014). *Sexualidade na internet: Análise de blogs sobre sexualidade e educação sexual*. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.
- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 19(3), 539-547. doi: 10.1590/1413-73722133716
- Barreto, M. J., & Rabelo, A. A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando Famílias*, 19(2), 34-42. Retrieved from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2015). Sexual self-presentation on social network sites: Who does it and how is it perceived? *Computers in Human Behavior* 50, 91-100. doi: 10.1016/j.chb.2015.03.061
- Bento, M. da Cunha (2016). *A utilização do facebook por adolescentes, ansiedade, depressão, stresse e vergonha: que ligação?* *Dissertação de Mestrado*, Instituto Superior Miguel Torga. Recuperado de <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/498>
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. doi: 10.1590/S1413-85572007000100007
- Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210-230. doi: 10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x

- Cavalcante, M. B. de P. T., Alves, M. D. S., & Barroso, M. G. T. (2009). Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(3), 555-559. doi: 10.1590/S1414-81452008000300024
- Celen, N., Cok, F., Bosma, H. A., & Djurre, H. Z. (2006). A percepção de adolescentes e de pais sobre decisão e autonomia. *Paidéia*, 16(35), 349-363. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300006.
- Delaunay, G. J. (2008). Novas tecnologias, novas competências. *Educar*, 31, 277-293. doi: 10.5380/educar.v0i31.12798
- Doornwaard, S. M., Moreno, M. A., Eijnden, R.J.J.M. van den, Vanwesenbeeck, I., & Bogt, T. F. M. (2014). Young adolescents' sexual and romantic reference displays on Facebook. *Journal of Adolescent Health*, 55, 535-541. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.04.002
- Fernandes, J. L. J. (2016). Conteúdo emocional no Facebook: Estudo longitudinal de três anos com adolescentes. *Dissertação de Mestrado*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87971>
- Freitas, K. R., & Dias, S. M. Z. (2010). Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 19(2), 351-357. doi: 10.1590/S0104-07072010000200017
- Mata, D. F. (2012). O impacto das redes sociais na sociedade digital. *Monografia*, Faculdade de Tecnologia de São Paulo – FATEC-SP.
- Moreno, M. A., Brockman, L. N., Judith N., Wasserheit, J. N., & Christakis, D. A. (2012). A pilot evaluation of older adolescents' sexual reference displays on Facebook. *Journal of sex research*, 49(4), 390–399. doi: 10.1080/00224499.2011.642903
- Moreno, M. A., D'Angelo, J., Kacvinsky, L. E., Kerr, B., Zhang, C., & Eickhoff, J. (2014). Emergence and predictors of alcohol reference displays on Facebook during the first year of college. *Computers in Human Behavior*, 30, 87-94. doi: 10.1016/j.chb.2013.07.060
- Patrício, R., & Gonçalves, V. (2010). Facebook: Rede social educativa? *In I Encontro Internacional TIC e Educação*, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, Lisboa.
- Pechansky, F., Szobot, C. M., & Scivoletto, S. (2004). Uso de álcool entre adolescentes: Conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(Suppl. 1), 14-17. doi: 10.1590/S1516-44462004000500005
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. de V. C. (2004). Risco e proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(3), 405-416.
- Romera, L. A. (2014). Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, 22, 95-102. doi: 10.4322/2Fcto.2014.033
- Rother, E. T. (2007). Editorial: Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 1-2. doi: 10.1590/S0103-21002007000200001
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331. doi: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x
- Santeiro, T., Guimarães, J., Rocha, G. da, & Bravin, A. (2016). O uso do Facebook por estagiários de Psicologia Clínica: Estudo exploratório. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 51-64.

- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 209-216. doi: 10.1590/S1413-73722005000200007
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. doi 10.1590/S1413-81232005000300027
- Schoen-Ferreira, T. H, Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. de M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 107-115. doi: 10.1590/S1413-294X2003000100012
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108.
- Silva, A. P. A. (2016). As implicações do uso da rede social Facebook para a felicidade dos adolescentes. *Dissertação de Mestrado*, Faculdade de Economia do Porto. Recuperado de https://sigarra.up.pt/fep/pt/teses.tese?p_aluno_id=100566&p_lang=0&p_processo=18665
- Souza, C., & Leão, G. (2016). Ser jovem e ser aluno: Entre a escola e o facebook. *Educação & Realidade*, 41(1), 279-302. doi: 10.1590/2175-623655761
- Van Gool, E., Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2015). To share or not to share? Adolescents' self-disclosure about peer relationships on Facebook: An application of the Prototype Willingness Model. *Computers in Human Behavior*, 44, 230-239. doi: 10.1016/j.chb.2014.11.036
- Vaquera, E., & Kao, G. (2008). Do you like me as much as I like you? Friendship reciprocity and its effects on school outcomes among adolescents. *Social Science Research*, 37(1), 55-72. doi: 10.1016/j.ssresearch.2006.11.002
- Wegge, D., Vandebosch, H., Eggermont, S., & Walrave, M. (2014). The strong, the weak, and the unbalanced: The link between tie strength and cyber aggression on a social network site. *Social Science Computer Review*, 33(3), 315-342. doi: 10.1177/0894439314546729
- World Health Organization (2016). Adolescent development. Disponível em:** http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/en/

Endereço para correspondência

naipatias@hotmail.com

Enviado em 23/03/2017

1ª revisão em 10/06/2017

2ª revisão em 01/08/2017

Aceito em 28/09/2017